

Jornal da Comunidade



UNIVERSIDADE
EDUARDO
MONDLANE

<https://www.uem.mz>

facebook.com/uemmoc

twitter.com/uemmoz

youtube.com/uemmoz

Edição: 252 | Sexta-feira, 03 de Março de 2023 | Periodicidade: Semanal



Prof.ª. Fátima Mendonça enaltece contributo de José Craveirinha na luta contra as injustiças sociais

A Prof.ª. Fátima Mendonça, enalteceu o contributo da poesia de José Craveirinha na luta contra a opressão colonial, destacando a contestação da injustiça humana e exaltação do patriotismo patente em muitas das suas obras.

Explicou que a poesia de Craveirinha não apresenta uma única temática, sendo, por isso, que, qualquer leitor, pode se rever, relatando assuntos relacionados com a injustiça, drama e morte.

Mendonça, que falava por ocasião da

Abertura do Ano Académico 2023, na UEM, onde proferiu uma aula de sapiência subordinada ao tema “A Obra Poética de José Craveirinha: um caso de auto-confiança”, descreveu o poeta-mor como um profeta da identidade nacional, voz reivindicadora de uma negritude dinâmica, que se tornou, igualmente, a voz do mundo suburbano.

A oradora destacou, igualmente, a auto-ficção patente nos escritos do poeta, trazendo exemplo de obras como Xigubo e Maria,

nas quais o escritor, para além de relatar a dor da perda da sua amada, traz figuras tipificadas para relatar a vida do subúrbio. “Analisando no global os versos que compõem Xigubo, podemos concluir que eles se assumem como uma condensação violenta de reivindicações ainda dispersas, com processos discursivos marcados pela espontaneidade e emotividade que as alusões à realidade objectiva se transformam em marca obsessiva”, disse.

Segundo a oradora, nas poesias de

AINDA NESTA EDIÇÃO:

UEM e Macau tencionam cooperar na formação de quadros para o sector de turismo

A UEM e a Associação de Desenvolvimento de Profissionais Internacionais de Turismo de Macau pretendem cooperar no domínio da formação de quadros e partilha de experiências no sector da Hotelaria e Turismo.

Produtos e Brindes da Marca UEM

Contacte:
(+258) 87 345 6444
(+258) 86 812 8858
cecoma@uem.ac.mz





Prof. Doutor Daniel Nivagara



Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior

Craveirinha, transparece uma força africana que reaproxima o que de mais representativo foi produzido dentro da estética da negritude, a saber, a exaltação dos valores culturais africanos, a oposição aos valores da civilização ocidental, versos longos e declamatórios evocadores de uma liturgia primordial. Tais características, segundo a oradora, instituem nos poemas a sua orientação oral em que, no contexto social em que foram produzidos, conduz aos temas emotivos da estética da negritude.

Na ocasião, o Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof. Doutor Daniel Nivagara, disse que, celebrar Craveirinha, não é só pela literatura, mas também pela sabedoria que contribuiu para a

libertação do povo moçambicano.

O governante desafiou a UEM e as Instituições de Ensino Superior, no geral, a gerarem cursos e conhecimentos que possam contribuir para resolver problemas do país e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento. “Temos observado o esforço da UEM em aprimorar as actividades de investigação e extensão para uma Universidade de excelência, que coloca Moçambique como parte das nações e com um ensino robusto e de qualidade”, frisou.

Na ocasião, o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, referiu que José Craveirinha, filho de mãe algarvia e pai ronga, usou da arte para expressar a sua revolta contra a opressão colonial, mas, também, para reafirmar e elevar os valores da moçambicanidade, através da poesia. “São esses valores da moçambicanidade que devem servir de alicerces para juntos construirmos um país melhor para todos, através da investigação científica”, disse.

Aos novos ingressos, o Reitor da UEM

reconheceu que, ser “caloiro”, encerra um mundo de interrogações, desafios, expectativas e alguns receios. Garantiu que, a UEM, procura sempre proporcionar a todos os que a escolhem um ambiente que facilita a integração académica e que cria as condições para o sucesso. “Estamos certos de que, rapidamente, se dissiparão os vossos receios e dúvidas e integrarão esta comunidade bastante vibrante”, frisou.

Naquela que foi sua primeira intervenção pública na qualidade de Presidente da Associação dos Estudantes Universitários (AEU), o estudante Onório António, garantiu que está comprometido com uma Associação que seja inclusiva e participativa, pelo que convidou os novos ingressos a fazer da AEU uma agremiação activa.

A cerimónia solene de Abertura do Ano Académico contou com a presença de representantes do Governo, Corpo Diplomático acreditado em Moçambique, membros da sociedade civil e demais segmentos da sociedade.



UEM e Macau tencionam cooperar na formação de quadros para o sector de turismo

A UEM e a Associação de Desenvolvimento de Profissionais Internacionais de Turismo de Macau pretendem cooperar no domínio da formação de quadros e partilha de experiências no sector da Hotelaria e Turismo.

A vontade nesse sentido foi manifestada, esta semana, durante um encontro entre o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior e a representante daquela organização, Dra. Florence Ian.

O Reitor da UEM disse que a Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESTHI) tem feito um bom trabalho, mas enfrenta alguns desafios, pelo que, estudam-se possibilidades de cooperação com esta associação internacional no desenvolvimento conjunto de diversas actividades, incluindo o treinamento do corpo técnico da UEM.

O Reitor lembrou que no âmbito da sua reforma institucional está a ajustar a instituição aos novos desafios no âmbito da sua transformação em Universidade de Investigação. “Estabelecer parcerias em diversos campos de conhecimento e com diferentes organizações um pouco pelo mundo é de salutar”, disse.

Por sua vez, Dra. Florence Ian fez saber que a sua organização tenciona juntar numa mesma plataforma profissionais de turismo de Macau e de Moçambique e conecta-los a outros profissionais em diferentes partes do mundo por forma a trabalharem em conjunto visando o desenvolvimento sustentável do turismo.



Construção do edifício da Faculdade de Ciências na recta final

As obras de construção do novo edifício da Faculdade de Ciências e da via de acesso ao Centro Estudantil da UEM estão acima de 90 por cento de conclusão, podendo ser entregues em finais de Abril próximo.

A informação foi revelada esta Quarta-feira, pelo Director da Direcção de Infraestruturas e Manutenção (DIM), Arquitecto Luís Nhaca, durante a visita que o Reitor da UEM, Prof. Doutor Manuel Guilherme Júnior, efectuou aos locais onde decorrem as obras, visando aferir o grau de cumprimento dos prazos.

O Arquitecto explicou que o novo edifício da Faculdade de Ciências é composto por três blocos, dos quais dois pertencem ao Departamento de Geologia, contendo salas de aulas, laboratórios, salas de reuniões, entre outros compartimentos e que, neste momento, as obras estão acima de 95 por cento de conclusão.

“A construção da via de acesso, com seis metros de largura e uma extensão de 300 metros está também na fase conclusiva e, no final dessas obras, vamos iniciar a reabilitação do edifício da Reitoria”, disse.

Por sua vez, o Reitor explicou que, no



terreno, constatou o cumprimento dos prazos, acreditando, deste modo, que as obras serão entregues segundo o tempo acordado, em benefício da comunidade universitária.

“Saio daqui feliz, pois percebi que estão a

cumprir com os prazos e pude perceber que o edifício foi bem concebido, o que será uma mais valia para a Faculdade de Ciências, que precisava de uma infraestrutura desta natureza”, reconheceu.

Necessárias mais acções para salvar ervas marinhas

As ervas marinhas fazem parte dos recursos de grande valor, por contribuírem para saúde dos oceanos ao produzir oxigénio, como sub-produto da fotossíntese, ajudando, assim, a reduzir os agentes patogénicos e bactérias prejudiciais para a saúde humana.

Segundo os cientistas, tal como o mangal, as ervas marinhas são fazedoras do clima saudável, por sequestrar o dióxido de carbono, para além de ser viveiro de peixe e fornecer amêijoas na Baía de Maputo, por exemplo, e constituem o único alimento do dugongo, um mamífero em vias de extinção. Elas são também importantes para a protecção da zona costeira de ventos e correntes.

Entretanto, apesar de sua fundamental contribuição para o desenvolvimento sustentável, mitigação e adaptação às mudanças climáticas, este tipo de vegetação está em perigo.

A 1 de Março, foi celebrado o Dia Mundial das Ervas Marinhas, adoptado pela Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Maio de 2022. A data destaca a necessidade urgente de aumentar a consciencialização e facilitar acções para a conservação destas plantas.

Segundo o Prof. Doutor Salomão Bandeira, docente e investigador da Universidade Eduardo Modlane, as ervas marinhas são plantas encontradas em águas, que formam extensos prados subaquáticos, altamente produtivos e biologicamente ricos.

Acrescentou que, estas plantas, fornecem alimentos e abrigo a milhares de espécies de peixes, cavalos-marinhos, tartarugas, entre outros seres.

“As ervas marinhas fazem a poluição positiva ao mar, dando oxigénio e tornando as águas mais puras, protegendo os seres humanos de diversas doenças, para além de fornecer meios de subsistência às comunidades que vivem junto à linha da costa”, disse.

Bandeira afirmou que, no país, cerca de 19% da população vive em zonas costeiras, sendo que comunidades locais dependem do camarão, amêijoas e caranguejos



encontrados nos prados subaquáticos para o seu sustento.

O investigador destacou a necessidade de se reforçar a preservação destas plantas, através do investimento na criação de áreas marinhas de protecção comunitária e restauração dos habitats.

Para o académico, há necessidade urgente de aumentar a consciencialização e facilitar acções para a conservação desta vegetação.

Província de Gaza acolhe capacitação sobre gestão do Parque Arqueológico e do Património Cultural de Chongoene

No âmbito da criação do Parque Arqueológico e do Património Cultural de Chongoene, distrito com mesmo nome na província de Gaza, decorreu, de 20 a 27 de Fevereiro, uma capacitação sobre gestão do parque arqueológico. A iniciativa, cujo objectivo é garantir uma melhor gestão do parque, abarca três tópicos, nomeadamente a gestão do projecto do parque arqueológico do património cultural, a gestão do mercado cultural e o bio cultural.

Entre os beneficiários da formação, constam técnicos da Direcção Provincial da Cultura e Turismo, dos Serviços Provinciais do Ambiente, do Município de Xai-Xai e do Governo distrital de Chongoene. A formação inclui, ainda, o treinamento do sector privado, com vista a adquirir habilidades sobre o mercado cultural.

Segundo a coordenadora da formação, Prof^ª. Doutora Solange Macamo, é importante capacitar o sector privado sobre o mercado cultural, atendendo à questão da preservação do património cultural, dentro desse negócio cultural.

Macamo fez saber que, brevemente, será feito o lançamento da 1ª pedra para a construção do Centro de Visita ao Património Cultural, sob tutela da UEM, local onde vão funcionar os serviços administrativos e de gestão do Parque de Chongoene. Mas, devido à restrição na contratação de técnicos para o Estado, foram solicitados técnicos das diversas direcções provinciais de Gaza, que deverão preencher as



vagas através da mobilidade. “Esta formação é justamente para assegurar que, quando o Parque arrancar, temos pessoas para saberem trabalhar”, disse.

O projecto do Parque Arqueológico e do Património Cultural de Chongoene foi desenvolvido pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e

Ciências Sociais da UEM e conta com parcerias do Conselho Municipal de Xai-Xai e do Governo provincial.

A criação do Parque Arqueológico e do Património Cultural de Chongoene inclui o mercado cultural de artesanato e mariscos e o desenvolvimento de serviços de ecossistemas.

Universitárias capacitadas em ferramentas digitais

O Espaço de Inovação da Universidade Eduardo Mondlane acolheu, esta Quinta-feira, a cerimónia de abertura do I ciclo de capacitação de mulheres finalistas universitárias e recém-graduadas, em matérias ligadas ao mundo digital.

A iniciativa da *Coding Girls*, que decorre sob o lema “As mulheres do amanhã na economia digital em Moçambique” visa, essencialmente, oferecer capacitações nos cursos de programação e prototipagem (*hackathons*), ciclo de pré-incubação e incubação de negócios, bem como eventos de *networking*, num período de cinco meses.

Na abertura do evento, o Director do Centro de Informática da UEM, Prof. Doutor Luís Neves, disse que, grande número de estudantes, se candidatou a esta iniciativa com o objectivo de adquirir conhecimentos necessários para o desenvolvimento de competências pessoais e contribuir para o crescimento do país. “Esperamos que, até o fim da iniciativa, em Novembro, tenhamos o mesmo grupo de estudantes já com outro tipo de competências,



tendo em conta que será uma jornada com várias etapas”, assegurou.

Por sua vez, a Directora do Centro de Coordenação de Assuntos do Género da UEM, Prof^ª. Doutora Gracinda Mataveia, afirmou que o mundo digital constitui um grande desafio para as mulheres universitárias, que precisam de adquirir mais habilidades neste ramo.

“Habilidades não só para o desenvolvimento da economia do nosso país mas, também,

para o desenvolvimento pessoal, como raparigas, que irão aprender várias coisas, como, por exemplo, desenvolver plataformas e aplicativos para advogarem os direitos da rapariga”, referiu.

Por sua vez, o representante da Cooperação Italiana, Stefan Morato, assegurou que esta constitui mais uma oportunidade para as mulheres adquirirem conhecimento necessário para o auto-emprego.

“Procuramos formas mais baratas de fazer a análise laboratorial, através da proteína da semente de moringa”

- dr. Lucas Muiambo

O dr. Lucas Muiambo é docente com a categoria de Assistente, na Faculdade de Ciências da UEM onde, também, manuseia equipamento laboratorial na área de análises químicas. Antes de ingressar à UEM, em 2018, via mobilidade, trabalhou na Inspeção do Pescado no Ministério das Pescas, onde desempenhava as suas funções no controlo de qualidade do pescado, através de análises laboratoriais.

Muiambo sonha em atingir o topo da carreira. Com o efeito, está a concluir o seu mestrado e, na sequência, procurar oportunidades de formação ao nível de doutoramento. No seu entender, a formação representa o único meio de reforçar as suas capacidades como pesquisador, principalmente na área de análises químicas. É nesta área que pretende se especializar e dar um contributo à Universidade. Enquanto isso, no seu mais recente trabalho de pesquisa, encontrou alternativas mais baratas de fazer pesquisa, com recurso à proteína da semente de moringa, numa das etapas do processo analítico.



Actualmente, qual é o seu trabalho de pesquisa?

Recentemente, conduzi um trabalho de investigação, o qual visava pesquisar possíveis resíduos de pesticidas em alimentos crus vendidos nos mercados nacionais.

E qual foi a constatação dessa pesquisa?

Como resultados, tivemos alguns pesticidas detectados em quantidades significativas, para certas categorias de alimentos, mas outras não, embora algumas espécies dessas substâncias tenham sido detetadas em quantidades não apreciáveis.

Que tipo de contributo esse tipo de pesquisa pode trazer para a Universidade e para o país?

Para a Universidade, é uma mais-valia porque a nossa pesquisa se baseou em descobrir novas metodologias mais baratas para a área das análises químicas desses compostos em alimentos, uma vez que as técnicas existentes actualmente são caras, o que nos leva a ficar limitados nas nossas pesquisas por insuficiências de fundos. Por isso, pesquisamos a possibilidade de usar uma alternativa mais barata, que é a proteína da semente de moringa, como um absolve na fase de limpeza, uma das etapas do processo analítico.

Este é um ganho para a Universidade porque vai dinamizar o trabalho de pesquisa. Mas também é um ganho para a sociedade porque as pesquisas vão influenciar a atitude das pessoas. A presença destes compostos está ligada a não obediência às boas práticas agrícolas. Portanto, se as nossas pesquisas forem divulgadas, vão influenciar na mudança de comportamento dos agricultores, em particular, por serem eles quem manuseia esses compostos.

E após essas pesquisas quais, são as fases subsequentes?

Tratando-se de uma pesquisa académica, ela culminou com a elaboração de um artigo científico. Já submetemos o artigo, tivemos aceitação, faltando apenas a sua publicação.

E como olha para a investigação científica no país? Quais são os desafios?

Os desafios da investigação no país são enormes porque ela acarreta muitos custos, dentre os quais a aquisição de consumíveis que, seguindo os processos internos do país, não ajudam ao processo da realização da pesquisa.

Por exemplo, muitas vezes precisamos de consumíveis que não estão disponíveis no país e o processo de *procurement* é muito

longo, e isso acaba por não dinamizar a pesquisa. Por outro lado, somos um país pobre e há déficit de fundos para a pesquisa, razão pela qual desenvolvemos um trabalho que propõe alternativas mais baratas de pesquisa, como forma de termos o equilíbrio entre as nossas dificuldades e os desafios de continuarmos a pesquisar.

Que recomendações deixa para os que almejam seguir a carreira de investigador?

Os que desejam seguir essa carreira devem estar preparados para enfrentar desafios, porque é uma carreira com muitas lutas. Nem sempre aquilo que pensamos como resultado é o que acontece e nem sempre aquilo que você projecta como projecto de pesquisa consegue cumprir associado às dificuldades financeiras. Quem não estiver psicologicamente preparado pode desistir. Temos que aceitar a realidade local, mas sem desistir.

Além desta pesquisa, tem outras iniciativas ou já participou em outros projectos?

Sim, já participei em outras pesquisas porque, além de ser assistente na área de docência, colaboro na investigação, onde trabalho com equipamentos laboratoriais. Participo em trabalhos de investigação como técnico analista.



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E

PRORROGAÇÃO DO PERÍODO PARA AS MÁTRÍCULA DOS NOVOS INGRESSOS

Na sequência da situação calamitosa e das chuvas fortes que ainda se fazem sentir um pouco por todo o País e que tem estado a causar inundações com consequências drásticas para as famílias Moçambicanas, a UEM decidiu prorrogar o prazo das matrículas. Com efeito, informa-se aos candidatos admitidos à UEM que poderão realizar a matrícula até ao dia **10 de Março de 2023**.

Deyse Nhaquile

Campeã africana de vela “mora” na UEM

É uma verdadeira estrela em ascensão planetária. Com apenas 23 anos, já tem o continente africano às suas mãos na modalidade de vela. Para uns dedos de conversa, encontrámo-la no seu lugar preferido, o Clube Marítimo de Maputo. Nas linhas que se seguem, a penta campeã africana na categoria de laser e atleta olímpica não esconde a sua paixão pela vela. O seu maior sonho é ver implementada esta modalidade como curso ou disciplina na Escola Superior de Ciências do Desporto da UEM (ESCIDE), onde, actualmente, é estudante finalista.

Onde nasceu Deyse Nhaquile?

Nasci na cidade de Maputo, no dia 30 de Julho do ano 2000. A minha primeira escola foi a Escola Primária do Triunfo, no bairro da Costa do Sol. A minha infância foi tranquila, mas, na verdade, perdi a infância muito cedo, quando entrei para o Clube Marítimo, porque tinha de treinar todos os dias. Antes disso, brincava como uma criança normal, saltando à corda, andando de bicicleta, indo à praia nadar... eram brincadeiras normais.

Quando é que começa a treinar?

Comecei a treinar com 10 anos no Clube Marítimo dos Desportos, em 2010, inicialmente com a modalidade de natação e depois passei para a vela. Na verdade, eu não queria a vela, mas, com o passar do tempo, comecei a gostar, também por insistência do meu pai. O meu amor por velejar intensificou-se quando participei do meu primeiro campeonato internacional, na Tanzânia, em 2012, e sagrei-me campeã africana de vela. A partir daí, desenvolvi o gosto pela modalidade. Em 2013, fui a África do Sul onde, novamente, fui campeã africana. E, depois, seguiram-se os títulos de 2014, em Marrocos, 2015, na Argélia e outros campeonatos dentro e fora do país.

Em 2017, fui penta campeã africana de vela na categoria de laser 4.7, ocorrido em Moçambique e passei, no mesmo ano, para a classe olímpica e, então, comecei a preparar-me para os Jogos Olímpicos. Mas participei em muitos campeonatos, incluindo os mundiais da juventude e consegui representar muito bem Moçambique. E a grande conquista aconteceu, em 2019, quando consegui me qualificar para os Jogos Olímpicos e cá estou hoje, como atleta olímpica.

Como se deu a sua entrada ao Clube Marítimo e como isso aconteceu?

Aconteceu quando membros do clube foram à escola do triunfo, para convidar algumas crianças para velejar. No início, eles disseram que era para fazer natação porque velejar, na altura, era considerada



uma modalidade de elite e, a maioria das crianças, não levava a sério; era como se de passatempo se tratasse. Então, eles convidaram algumas crianças que não tinham condições de pagar para depois fazerem o desporto como profissionais e não como amadores. O *Coach* Ernesto foi até a minha sala e convidou algumas crianças para fazerem natação e eu fui uma das crianças que se voluntariaram. Fui lá à frente e disse que estava desposta a fazer natação. Informei aos meus pais e, num Sábado, vim com a minha mãe ao Clube Marítimo. Eles conversaram com a minha mãe e foi assim que nasceu a Deyse.

Como é que tem sido o seu dia-a-dia, como consegue conciliar os treinos e a faculdade?

Conciliar o desporto e a faculdade não é tarefa fácil. Primeiro deve haver amor com as duas realidades. Tenho de ser uma estudante dedicada e, também, uma atleta dedicada. Às vezes, tenho de dedicar 75 por cento aos treinos e 25 à faculdade. É estranho, mas tenho de fazer isto.

Já conquistou vários prémios e, agora, quais são os outros objectivos na carreira? O que pretende mais alcançar?

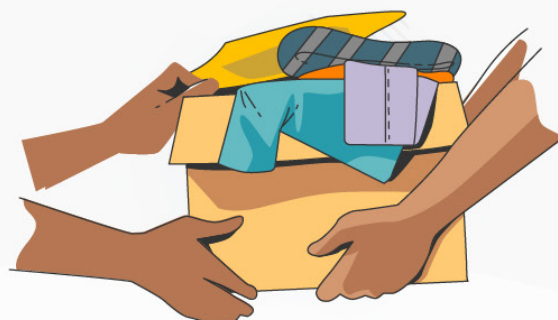
Como atleta, surgem vários objectivos ao longo da carreira. A vida é como um jogo, onde existem níveis. Por exemplo, ter um sonho éo nível 1 e realizado este nível, surgem outros objectivos de nível 2 e a vida se encarrega de dar outros objectivos. Era uma simples menina onde primeiro tinha de ganhar os meus colegas e depois cheguei a campeã africana. Naquela altura, ser campeã africana era tudo, mas, quando passei para a classe olímpica, surgiram novos desafios de classificar para os Jogos Olímpicos, o que, também, consegui. Um dos meus maiores sonhos, além de ganhar os jogos olímpicos, é conquistar o mundial da modalidade.

E no campo académico, qual é o seu sonho?

No campo académico, o meu maior sonho é implementar a vela como uma cadeira na ESCIDE.



APOIO ÀS VITIMAS DAS CHEIAS E INUNDAÇÕES



Doe bens não perecíveis, serviços e /ou valores monetários às vítimas das cheias.

Os bens podem ser depositados em todas unidades orgânicas que a posterior serão encaminhados à Direcção de Serviços sociais (DSS).

| Nº da Conta | NIB | Nome da Conta | Banco |
|-----------------------------|--------------------------|-------------------|----------------|
| MZM 264525403 | 0001-0000-00264525403-57 | UEM Solidariedade | Millennium BIM |
| MZM 674931831001 | 0008-0000-67493183101-80 | UEM Solidariedade | BCI |
| Operadoras de Contas Móveis | | | |
| Serviço mKesh | 83 3279558 | UEM Solidariedade | Tmcel |
| Serviço e-mola | 86 6484397 | UEM Solidariedade | Movitel |
| Serviço M-Pesa | Codg de Serv | 900 724 | Vodacom |



SIGA-NOS ONLINE:



www.uem.mz



facebook.com/uemmoc



twitter.com/uemmoz



youtube.com/uemmoz

Dúvidas ou esclarecimento:

(+258) 87 345 6444

(+258) 84 124 8078